

A negregada instituição. Os capoeiras no Rio de Janeiro, de Carlos Eugênio Líbano Soares. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

Maria Angela Borges Salvadori*

Para os historiadores que trabalham com temas da genericamente chamada “cultura popular” inúmeras dificuldades se apresentam. Uma delas é a própria impossibilidade de usar um termo tão genérico para conhecer e analisar essa realidade. Contudo, se essa dificuldade existe, o modo de encará-la tem trazido resultados surpreendentemente bons pois, ameaçados por generalizações simplistas, os historiadores percorrem um caminho de pesquisa intensa e recortam objetos bastante específicos, procurando olhá-los por dentro e também nas relações que estabelecem com outros grupos sociais. Diante da dificuldade em precisar este e outros conceitos, também enfrentada por Eugênio na introdução, a saída é tentar entendê-los tal como existiram em determinados momentos históricos (ver, por exemplo, a introdução, especialmente a página 2).

No caso de Eugênio, o tema central do seu texto é a capoeira, ou melhor seria dizer, os capoeiras, pois o que se vê o tempo todo é a valorização destes sujeitos históricos que ganham nomes, endereços, profissões, enfim, vida própria. Este é, aliás, o primeiro aspecto que eu gostaria de ressaltar do livro: há, constantemente, um resgate, até mesmo nominal, dos personagens com os quais Carlos Eugênio trabalha. Assim, a “promessa” inicial feita pelo autor na introdução - a de que a capoeira será tratada não de modo periférico, mas sim como centro e dentro do debate

* Doutoranda em História Social na Unicamp.

| | | | | |
|------------------------|---------------|------|---------|------|
| HISTÓRIA SOCIAL | Campinas - SP | Nº 2 | 169-174 | 1995 |
|------------------------|---------------|------|---------|------|

sobre o estudo da cultura e da resistência escrava no Rio de Janeiro do século XIX - é rigorosamente cumprida ao longo das densas trezentas e tantas páginas que compõem o livro. Uma outra “promessa”, destacada logo na introdução - também rigorosamente levada a cabo - é de que os conceitos de cultura e de política, nos seus sentidos mais abrangentes, alinhavam toda a argumentação. E, nesse aspecto, a contribuição do livro para todos os outros historiadores que trabalham com uma problemática próxima a de Eugênio é gigantesca: ao encarar as fontes, percebe-se claramente que o autor não as tratou a partir de conceitos prontos e homogêneos. Demonstrou culturas e políticas construídas numa prática de vida urbana, característica chave para entender o universo dos capoeiras e, ao contrário de buscar um modo único de entendê-las, valorizou a pluralidade que caracteriza esse universo; não fugiu das contradições presentes em todos os homens, de todos os tempos, e nem tampouco de suas ambigüidades. Neste sentido, tem muito a nos ensinar.

Há, constantemente, um esforço por abarcar todos os aspectos que envolveram os capoeiras ao longo do século XIX e os diferentes modos como naquele século e no nosso esses personagens foram tratados. Como não poderia deixar de ser, o texto começa pela busca da origem e já nesse momento se diferencia: Eugênio afasta-se da polêmica sobre a origem brasileira ou africana da capoeira e, manuseando as fontes, mostra uma outra possibilidade que é, aliás, bem mais rica do que esta antiga dicotomia; para ele, a capoeira é resultado da união entre tradições africanas e a experiência da escravidão urbana no Brasil. (A defesa dessa idéia se faz, também, pelo apoio de uma rica bibliografia, em especial o artigo de Slenes, Robert W., “Malungo n’goma vem: África encoberta e descoberta no Brasil”. In: *Revista USP*, nº 12, 1991-1992.)

Daí em diante, nada lhe escapa: ele estuda a formação das maltas de capoeiras e as diferenças entre elas, inclusive através dos Livros de Matrícula da Casa de Detenção, reconstruindo geograficamente a cidade do Rio de Janeiro, com contornos mais populares, através das áreas de atuação das maltas. Mostra a participação de imigrantes, especialmente portugueses, na composição dessas maltas, os envolvimento entre os capoeiras e a política

institucional do Império, a rivalidade entre capoeiras e republicanos, a participação dos capoeiras na Guerra do Paraguai, a Guarda Negra, o modo como o Império e a República buscaram reprimir e controlar a capoeiragem, as opiniões de diferentes grupos sociais sobre a presença constante dos capoeiras nas ruas cariocas e, fundamentalmente, a ação, os valores e as tradições desses homens que fizeram uma parte importante da resistência negra à escravidão e que representaram uma ameaça à ordem social, menos pela violência que lhes era intrínseca e mais pela possibilidade de construção de uma identidade cultural própria. Uma resistência peculiar, onde a noção de heroísmo se afasta e dá lugar a personagens de carne e osso, encarando as dificuldades do seu tempo com jogo de cintura... e de rasteira.

Neste sentido, o texto de Carlos Eugênio é exemplar. Para um livro que é resultado de uma dissertação de mestrado, o volume de pesquisa empírica é absolutamente impressionante e isto, em vários aspectos: o período recortado é bastante grande e percorre todo o século XIX, embora a preocupação central seja com a sua segunda metade. Além disso, há uma variedade impressionante de fontes e a louvável tentativa de intercalá-las: da literatura aos documentos policiais, dos jornais e revistas à memória, passando por documentos iconográficos, vestuário, questões arquitetônicas e uma extensa bibliografia de época.

Porém, mais que o volume, importa ressaltar o cuidado com que as fontes foram lidas. Eugênio dá às palavras que lê uma enorme importância e valoriza o próprio vocabulário como lugar de pesquisa histórica. Isto explica, por exemplo, sua preocupação em inserir, no texto, apêndices com gírias de capoeiras e fadistas portugueses, relacionando-as e fortalecendo a defesa da existência de uma circularidade cultural, argumento síntese de todo o trabalho.

Creio que o que mais me impressionou na leitura do livro foi o fato de o autor, ao que me parece, não ter se esquivado, em nenhum momento, de ir mais longe, de perseguir todas as pistas e, desse modo, conseguir traçar um panorama bastante amplo. Em alguns momentos, lendo seu texto, lembrei-me de Peter Linebaugh juntando os continentes africano, europeu e americano no

estudo da história do movimento operário desde o século XVI. Isto aconteceu quando o autor relacionou o Rio de Janeiro à África na busca das tradições negras que levaram ao aparecimento da capoeira - especialmente no primeiro capítulo - e, particularmente, na análise sobre a participação de portugueses fadistas no interior das maltas na segunda metade do século XIX (capítulo 4). Estranhamente, entretanto, no livro de Eugênio não há referências bibliográficas ao artigo “Todas as montanhas atlânticas estremeçeram”, de Peter Linebaugh (In: *Revista Brasileira de História*, nº 6, 1984).

O volume qualitativo da pesquisa, a amplitude do recorte cronológico estabelecido e até mesmo a pretensão de “ir para além-mar”, resultam num trabalho onde, efetivamente, há uma circularidade cultural. (O autor utiliza este termo, ao longo de todo o texto, tal como fez Carlo Ginzburg, especialmente em *História Noturna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. Ginzburg é, também, uma das mais fortes referências teóricas que perpassam o livro de Eugênio.) E, mais que isto, tornam efetivas muitas idéias que, anteriormente, não passavam de hipóteses. Por exemplo: sabia-se que nem só os escravos e negros foram capoeiras, mas pouco se conhecia sobre como as relações culturais entre escravos, libertos e livres eram estabelecidas no interior da capoeiragem; também já ouvimos falar sobre as relações entre os capoeiras e o Partido Conservador e sobre a impopularidade da República diante dos primeiros. Contudo, no texto de Eugênio, todos esses pequenos saberes se ligam a um longo processo histórico que percorre todo um século ou, em outras palavras, ganham um sentido e uma consistência novos.

Porém, devo informar também que o leitor deve “atacar” o livro com afinco. É uma leitura árdua e, em muitos momentos, áspera. Nós, historiadores, mergulhamos tanto tempo em universos passados que, às vezes, nos misturamos a eles. E foi isto que senti, em muitos momentos, lendo o texto; em alguns deles, aliás, precisei retomar várias vezes os mesmos trechos, buscando o lugar onde terminava a citação do documento e começava a análise do historiador. Quando trabalha com os documentos de polícia, a linguagem de Carlos Eugênio se aproxima da fala dos processos com os quais trabalhou. Além disso, a preocupação com o vocabulário das

fontes reaparece no seu próprio vocabulário e isto, várias vezes, dificulta a leitura. A exigência da atenção a palavras, isoladas mesmo, interrompe o desenrolar do raciocínio do leitor.

A Negregada Instituição exige concentração constante. Muitas de suas teses fundamentais surgem repentinamente, em um único parágrafo que sintetiza várias páginas e é preciso estar atento para não perdê-las. Cito, como exemplo, a idéia de que negros e imigrantes capoeiras compartilhavam uma identidade marcada por uma vivência urbana de miséria e por um ou outro tipo de escravidão. Nas palavras do autor, “uma escravidão por contrato não era tão aberrante quanto parece” (p. 111); este é um dos argumentos principais do capítulo 3 e da teoria da circularidade cultural que, como já ressaltai, alinhava toda a tese. A firmeza desta constatação é tão grande que somente aí, Carlos Eugênio se concede o direito de falar na primeira pessoa (p. 119) do singular. Todo o restante do texto é escrito no plural “nós”. É preciso vigilância constante para perceber nuances tão delicadamente colocadas.

Seguindo a trilha aberta por outros historiadores, *A Negregada Instituição* mostra como, ainda que por caminhos tortuosos, a condição de cativo não apagava e tampouco impedia a participação dos escravos na vida política da corte. No caso dos capoeiras, dois aspectos dessa participação são destacados: o seu caráter coletivo e público. A rua é o espaço político das maltas de capoeiras e suas opções estão carregadas, o tempo todo, pela tentativa de “viver sobre si” (ver Chalhoub, Sidney. *Visões de Liberdade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990). Esta atuação coletiva e autônoma no espaço público das ruas cariocas marca o “Partido Capoeira”, que se relacionava com os partidos políticos formais e com a política institucional, mais uma vez, com jogo de cintura e de rasteira, unindo o lúdico ao político, a festa à violência.

Por fim, Eugênio trata, especificamente, da perseguição à capoeiragem, especialmente na segunda metade do século XIX, durante o império e nos anos iniciais da República. A idéia de “ondas de repressão”, expressa logo no título do capítulo final, sintetiza de modo exemplar uma atitude repressiva

que se caracterizou por amalgamar e intercalar períodos de grande perseguição policial com tentativas de aliciar os capoeiras como aliados políticos, “agentes e clientes” da violência policial e particular (ver p. 274). Mais uma vez, a ambigüidade é a tônica feliz da análise.

A história escrita por Eugênio termina com Sampaio Ferraz e suas infundáveis deportações de capoeiras para Fernando de Noronha. Deportando-os, Sampaio Ferraz não acabava apenas com as maltas; mais que isto, tirava-lhes do lugar onde suas práticas ganhavam sentido, as ruas. A república começava mal, transformando em crime o que antes era contravenção e mostrando os limites do novo regime em relação às classes populares.

Mas se o recorte cronológico do autor termina com Sampaio Ferraz, o mesmo não se pode dizer sobre a história dos capoeiras. Talvez por este motivo Eugênio tenha arrolado, em sua conclusão, as idéias que considera mais importantes, minimizando o poder da repressão: a capoeira não foi apenas um instrumento da resistência escrava, não foi só uma resposta; foi, principalmente, uma política coletiva de rua, de negros e brancos que, ao longo de todo o século XIX, insistiu em mostrar que culturas africanas, moldadas por uma vivência específica e pela convivência com outras culturas, também faziam parte da história da capital do país e procuravam brechas através das quais pudessem garantir alguma liberdade; em outras palavras, a conclusão valoriza mais a ação dos capoeiras do que a repressão contra eles. Neste trecho, pude perceber a importância e a preocupação de Eugênio em descrever detalhadamente seus personagens. A capoeira não era um “jeitinho” de garantir a vida, não era viração nem biscate. Os capoeiras trabalhavam e seus ofícios são citados ao longo de todo o texto, especialmente nos momentos em que o autor trabalha com documentos de identificação policial. Em resumo, não se tratava de uma resistência através da vadiagem nem da tentativa de garantir a sobrevivência através de expedientes nem sempre louváveis. Tratava-se, isto sim, de um projeto político coletivo. Estamos diante de algo bem mais ambicioso. O reconhecimento e revelação deste projeto é o mérito maior de *A Negregada Instituição*.